

**Sociedade aberta e tentações do oculto:
de alguns desafios pandémicos ao Estado de Direito¹**
**Open society and the temptations of the occult:
some pandemic challenges to the Rule of Law**

PAULO FERREIRA DA CUNHA²

Resumo: A crença, tal como a tradição, «já não é o que era». Expomos neste artigo algumas das angústias sobre os caminhos da crença, *latissimo sensu*, partilhadas por filósofos, cientistas (médicos, psicólogos, psiquiatras, desde logo) e religiosos de religiões clássicas ou tradicionais. Todos colocam uma interrogação difusa, mas que podemos traduzir, juridicamente, assim: qual o papel do Direito e do Estado na proliferação de crenças metamorfoseadas e hiperativas? Como ao mesmo tempo acautelar as liberdades religiosas, de ensino, associação e afins, de um lado, e o normal funcionamento das instituições e os direitos de cada cidadão, do outro? Como cumprir a Constituição, em tempos de pandemia, face a potenciais fanatismos e mistificações?

Tal como na preparação sanitária para o novo vírus, o Direito, «medicina da cultura», precisa de se preparar para radicalismos de índole «numinosa»: nem tudo será mera renovação da espiritualidade. Teme-se até que pouco se seja...

Palavras-chaves: Pandemia; novas crenças; terapias alternativas; direitos fundamentais.

Abstract: Just like tradition, belief «is no longer what it was». In this article we expose some of the anxieties about the paths of belief, *latissimo sensu*, shared by philosophers, scientists (doctors, psychologists, psychiatrists, for instance) and religious men from classical or traditional religions. Everyone poses a diffuse question, but one that we can translate, legally, like this: what is the role of Law and the State in the proliferation of metamorphosed and hyperactive beliefs? How can we safeguard religious, educational, association freedoms and similar, on the one hand, and the normal functioning of institutions and the rights of each citizen, on the other? How to comply with the Constitution, in times of pandemic, in the face of potential fanaticism and mystification?

As in the health preparation for the new virus, Law, as the «medicine of culture», needs to be prepared for radicalisms of a «numinous» nature: not everything will be a mere renewal of spirituality. Probably it will be very little...

Keywords: Pandemic; new beliefs; alternative therapies; fundamental rights.

==

¹ O presente artigo desenvolve alguns aspetos do pequeno artigo «O Estado de Direito e a metamorfose das crenças», que será, por sua vez, desenvolvido ainda em capítulo do nosso livro *Filosofia do Direito e do Estado* (Coimbra, Almedina, no prelo) e em outros eventuais estudos.

² Supremo Tribunal de Justiça, Portugal.

1. Pandemia, medo, crenças

Tempos de *peste* são convite ao recrudescimento de fanatismos e superstições, sempre ameaças ao ar desnublado, racional e pluralista do Estado de Direito.

Em tempos de pandemia, mil e um movimentos «alternativos», «espirituais», «esotéricos», «místicos», etc., com maior ou menor enquadramento e implicações políticas (nem que seja apenas o «escapismo» e o abstencionismo), parecem ver as suas razões e profecias confirmadas. Já captavam milhões de adeptos fervorosos, mas podemos legitimamente perguntar: até onde não chegarão? (cf. Anes, 2014). Os tempos críticos, muito críticos, são sempre bons tempos para radicalismos, políticos ou religiosos, e mais ainda se se juntar à componente religiosa um milenarismo político qualquer. O apocalipse, a apoteose do medo coletivo, vendem muito, provocando conversões verdadeiras e falsas.

Carnavalizações e embustes chegam cada vez mais a domínios como o sagrado e a ciência. Com fins de lucro material, muitas vezes, mas eventualmente com uma dimensão política, porque há, em geral, muita sede de poder envolvida. Pode ser poder geral, político, ou apenas poder de dominação de pessoas e grupos, ainda que pequenos. A própria relação do «guru» (doravante escreveremos sem aspas), no limite, apenas com o seu único discípulo, merece ser ponderada. Até que ponto é a de mestre-discípulo, ou uma relação complexa

que lembre a dialética hegeliana do Senhor e do escravo?

2. Poderes

Pelo menos alguns desses movimentos, grupos, círculos, seitas, e gurus, têm verdadeiro poder (por vezes, totalitário, esmagador: ao ponto de confiscarem a vontade própria dos que na sua órbita entram) sobre os seus membros e sequazes, que com frequência os seguem acriticamente. Não são raras as técnicas mágicas e/ou psicológicas de «quebra do ego», submissão cadavérica e «reprogramação» das personalidades, que tanto podem enquistar num dogma para toda a vida, como proceder erraticamente, à vontade de quem manda (e há grupos em que essa imposição, versatilidade e exercício da obediência é regra). Atua-se por vezes de forma proselitica, outras com profunda intolerância para com os outros.

Cada círculo acredita ser dono da verdade, e em muitos casos tem uma ética própria, que bem pode ser um relativismo devastador, que permite tudo pensar e tudo fazer. Sendo o mundo uma ilusão, nada sendo verdadeiro, tudo é permitido. Talvez esta libertação de constrangimentos morais seja uma vertente da sedução de alguns, enquanto a obediência sem limites será o fascínio de outros. Tudo isto mais ou menos sempre aconteceu. Lembremo-nos de heresias e milenarismos. Mas agora é uma onda globalizada, servida por poderosos meios, como a *Internet* – donde seja necessário tomar mais precauções, nomea-

damente de formação ética generalizada (cf. Dupas, 2011). Alguns líderes podem mesmo ser os psicopatas de que explicitamente fala a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva (2008). Seria interessante aprofundar cientificamente, desde logo psiquiatricamente, mas também sociologicamente, o que levará algumas pessoas a fundar ou liderar esses movimentos, ou simplesmente a seguir uma carreira de curandeirismo ou afim (que pode, todavia, ser sofisticadíssima, com o ar mais científico possível – um mero problema de *marketing*). Uma obra insuspeita de cientismo parece desvelar-nos uma primeira ponta do véu:

E chegamos praticamente ao seguinte: um homem ou uma mulher – com mais frequência uma mulher – sendo naturalmente feiticeira, é levada a tentar alguns experimentos simples e, ao ser bem-sucedida, em virtude de um poder provavelmente latente em todos nós, é induzida a continuar por amor às emoções e por amor ao êxito e ao poder, até que a emoção cresça como o vício da bebida. E considerando as evidências, somos obrigados a admitir que deve haver uma força nos próprios rituais. Eles não apenas inflamam a imaginação do praticante, mas fazem isso e algo mais; o ritual e o praticante agem e reagem mutuamente, criando uma desenfreada embriaguez, um êxtase. Torna-se impossível resistir, parar. Serão atiradas nesse vórtice a fama, a fortuna, a reputação e a própria vida, a fim de obter mais e mais delícias nesse sonho de loucura. (Mathers e Brodie-Innes, 1993: 157)

Passemos do individual ao social. É de crer que um eventual prolongamento da crise pandémica do COVID-19 e o agravamento do número de infetados (e sobretudo se houver grande crescimento da curva dos óbitos) possa levar ao recrudescimento de fenómenos de fanatismo, não só político *tout court*, como mágico e afim. Recordemos *O sétimo selo* de Ingmar Bergman (Suécia, 1956). As pestes geram reações emotivas que muitas vezes se canalizam para formas primitivas de «religiosidade» (cf. João, 2007: 99 e ss). Aplacar os deuses ou reequilibrar o universo exigem sacrifício e sacrifícios, segundo essas visões retributivistas e de expiação. Em tempo idos, chegaram a ser feitos sacrifícios humanos. A complexa história bíblica do sacrifício de Isaac é interpretada por alguns como um marco no fim dessas oferendas, sobretudo de crianças e jovens. Naturalmente só grupos muito demenciais poderão pensar hoje nesse tipo de «dádivas» aos deuses. Mas não nos esqueçamos que, enquanto na Península Ibérica já o poder era contratualista (cf. Pascoaes, 1998: 79; Cortesão, 1984), continuava-se noutros países a imolar às divindades vítimas humanas, aparentemente até meados da Idade Média.

Parece mesmo que já há uns tempos se eleva um clima de tensão *numinosa*. A par do apoio, por exemplo, de grupos neopentecostais (nem todos, cremos) a projetos e personalidades políticas, no mínimo, autoritárias e, obviamente, nada laicistas. São fenómenos marginais, que

às igrejas cristãs tradicionais não comprometem. Mas perturbam.

Receia-se, além disso, um mimetismo ou uma camuflagem de poderosas máquinas de fazer dinheiro (e de obter poder), que se façam passar por meros centros de profunda espiritualidade ou sofisticada técnica *bio-psico-social*. Se pensarmos que, em alguns países, as entidades religiosas (que podem ser interpretadas como tais *latissimo sensu*) parecem ter isenções fiscais e estar livres de obrigações militares, compreende-se certamente um motivo mais para a proliferação. É esclarecedor ainda atentar nos nomes um pouco bizarros de denominações que vão aparecendo, e mesmo nos anúncios em jornal anunciando «trespasse» de seita e templo, naturalmente indicando o valor do «negócio».

Obviamente estas realidades em nada tocam, na sua essência, os altos valores espirituais e religiosos. O que fazem é confundir alguns... e ludibriar outros.

3. Entre «Magias» e «Ciências»

Certos grupos não se apresentam com marca religiosa, mas científica.

É interessante como essas novas «ideologias» oscilam na inserção ora no oculto, sagrado, etc., ora no científico. Mas também pode haver híbridos. A «oferta» é imensa, e não se tem insistido o suficiente nos perigos que alguns desses fenômenos constituem para a bolsa, a sanidade mental e a liberdade dos cidadãos.

A relação de alguns deles com a deformação sistemática da realidade científica, ou mesmo com a sua negação, é algo de muito preocupante. Há gurus e grupos, além, naturalmente, de satanistas e afins, que pregam o Mal como sendo o Bem (cf. Climati, 2001), que defendem que a Terra é plana, que o coronavírus é uma conspiração política (comunista, parece), que as vacinas são nocivas, que alguns povos são imunes aos contágios (decerto porque superiores), etc. Outros pretendem que planam sobre as águas (todos os que fizeram o teste morreram afogados), que possuem e que conseguem transmitir aos discípulos técnicas salvíficas, no Além e no Aquém, etc. Esclarecedor, na sua superior ironia, é o filme de Woody Allen: *Magic in the Moonlight (Magia ao Luar)*, USA, 2014.

4. Conflito de direitos e o perigo dos suspeitos do costume

Uma república, mesmo laica, tem de ser pluralista, convivente (mais até que tolerante), e se o próprio Jesus expulsou os vendilhões do Templo (Cf. Mc.12, 15-19; Mt. 21, 12-17, Lc. 19, 45-48, Jo. 2, 13-16), o Estado tem geralmente tido, em contrapartida, uma sábia abstenção. Mas, quando o equilíbrio social e os direitos das pessoas podem ser postos em causa de forma grave, por certos grupos, alguns deles militarizados, até? Não devem ser todos confundidos: há grupos e grupos. Podemos, porém, em alguns momentos, estar perante colisão de direitos: liberdade religiosa, educativa, de as-

sociação e expressão vs. dignidade da pessoa humana, direito geral de personalidade, liberdade de pensamento, direitos de membros de associações, etc. Até direitos do consumidor, claro. É preciso que o cidadão comum esteja atento, e seja ensinado a distinguir onde acaba a crença legítima e começa o charlatanismo e até a política totalitária sob capa de religião ou de ciência. Seria uma forma de autodefesa do Estado de direito democrático, e mais uma arma da cidadania crítica e responsável.

No meio de tudo isto, há o perigo real de se confundirem instituições sérias e com pergamínhos antigos e provas dadas (pela retidão de costumes, pelo honesto estudo, e até luta pela liberdade política ou pela solidariedade social) com seitas fanatizantes (que podem até aparecer sob qualquer capa, v.g. associações, «empresas», ONG's) dominadas por psicopatas predadores. É preciso apartar o trigo do joio. A obra de Umberto Eco, sobretudo nos últimos anos da sua vida, reflete muito certamente sobre estes problemas. E é deliciosa de se ler, pela ironia e humor. Em tudo é preciso prudência e o seu discernimento.

O mito do bode expiatório é um dos reversos da medalha da proliferação de coisas «ocultas», segredos, etc. Liga-se muito às teorias da conspiração. É fácil inventar uma teoria em que grupos particularmente associados, historicamente, a uma aura de estigmatização passam a ser culpados por todos os males, sozinhos ou numa enorme conspiração «global». Chegaria

a ser divertido se não fosse perigoso. Porque a história das perseguições a esses grupos, ou categorias de pessoas, essa sim, é bem real (cf. Eco, 2018: 357 e ss.; Girard, 1982; Cunha, 2012).

Em *Sobre a tirania. Vinte lições do século xx* (2017), Timothy Snyder, começando por citar Kolakowski («Na política, ser-se iludido não é desculpa»), estabelece um programa a seguir, também aplicável, em geral, a este desafio. Alguns conselhos avisados, selecionados para a presente questão: *Não obedeaças por antecipação, defende as instituições, responsabiliza-te pela face do mundo, lembra-te da ética profissional, fica alerta com os paramilitares, sê prudente se tiveres de andar armado, opõe-te, estima a nossa linguagem, acredita na verdade, investiga, estabelece uma vida privada, contribui para boas causas, aprende com os teus semelhantes de outros países, fica atento a palavras perigosas, mantém-te calmo quando o impensável acontecer, sê o mais corajoso que te for possível*, etc. Alguns destes conselhos são, pois, fundamentais para lidar com os referidos fenómenos.

5. «Sorriem com ar de mofa...»

A riqueza faustosa de gurus, a prosperidade e proliferação dos seus estabelecimentos, naturalmente derivando dessa condição, os relatos dos que conseguiram escapar à doutrinação e ao controle mental de seitas, as acusações de crimes em algumas delas perpetrados (de crimes económicos a sexuais), merecem ser investigados e reveladas conclusões rigorosas

e independentes. E tanto o que for provado como sendo verdade como o que for provado como calunioso deve ter consequências.

Há, desde logo, uma divisão liminar a fazer: o primeiro caso é o do psicopata com sede de poder, dinheiro e prazer que se utiliza de uma posição para levar por diante os seus intentos criminosos, e para quem terapia ou religiosidade, espiritualidade ou o que seja são meios, instrumentais, de conseguir o que pretende, não havendo nele nenhuma boa vontade, altruísmo ou sequer convicção ou crença. E, quem diz um, diz um grupo de pessoas (verdadeira associação criminosa) que satisfaz os seus intentos com a montagem de uma organização, empresa, serviço, com fachada excelente.

O outro caso é o do ilusor iludido (recorde-se que às bruxas portuguesas parece que raramente eram aplicadas penas, na Idade Média, porque sábios juízes as tinham por «ilusas», iludidas, enquanto noutros lugares as faziam confessar requintes de perversidade em conluio com o Maligno).

Trata-se, nestes casos, de alguém que tem boas intenções, mas que está ele próprio imbuído de falsas crenças. Nomeadamente nos seus poderes ou nos de técnicas ou rituais que vai aplicando ou celebra. E como vai tendo seguidores, mais se lhe reforçam as convicções. Mal comparando, lembra o passador-consumidor de droga clássico. O qual, na sua pessoa, faz confluírem dois papéis antagónicos entre si.

Evidentemente que também seria de tentar preservar os direitos e a sanidade dos honestos que procuram de algum modo «imitar» a magia dos mistificadores, não enquanto imitadores, aprendizes de feiticeiro, mas enquanto pessoas, e pessoas «ilusas» que são também agentes de propagação de ilusões.

O curioso é que, de entre estes vários grupos ou categorias, alguns são ao mesmo tempo sujeito e objeto neste estudo. Há obviamente neste fenómeno muita diabolização, muita teoria da conspiração, muita falsa religiosidade ou espiritualidade, e também falsa ciência, etc.

O simples facto de estarmos a lidar com fenómenos muito poderosos, não se sabe em que mãos, deve levar a que sejam estudados por profissionais competentes (mas também não dogmáticos, abertos a descobertas). É importante que sobre eles se reflita profundamente, e que o Estado de Direito não deixe a questão ao «livre jogo do mercado», sem se preocupar com as consequências de um possível mau uso, para proteção das instituições e da Liberdade e Dignidade de cada um dos seus cidadãos.

Passemos à questão mais «macro». Se os inimigos da democracia continuam a ser essencialmente do mesmo tipo, avultando messianismos, populismos, xenofobias, tirania do indivíduo e, hoje, neoliberalismo (cf. Todorov, 2012), já atualmente assistimos ao fenómeno novo, e muito problemático, da globalização

(Guéhenno, 1999). Para o fascismo ou neofascismo político, Umberto Eco já avançou com alguns traços que são sinais de alerta (cf. Eco, 2011; «Fascismo Eterno», em Eco, 2016: 25 ss). Seria o caso de ver outras dimensões em que se tecem ardis contra a Liberdade, seja pelo controlo das consciências de índole sectária, seja pela sugestão pseudocientífica, seja pela culpabilização e pelos interditos de ideologias identitárias, revanchistas e afins, politicamente corretas.

Ainda estamos a tempo de nos preservarmos do vírus da mistificação, do controle das consciências, do Estado teocrático, ou do fundamentalismo dos *ayatollahs*. Um cidadão que depende de um guru para decidir a sua vida, que consulta as artes divinatórias antes de sair de casa, e que substitui o livre-arbítrio pela crença num destino escrito nas estrelas ou noutra lado qualquer, não é cidadão. É um servo de uma gleba que a outros pertence, ou pode bem ser aquele escravo de que fala Rousseau: o qual sorria em tom de mofa, quando ouvia a palavra «Liberdade».

Bibliografia

ANES, J.M. (2014). *Uma introdução ao esoterismo ocidental e suas iniciações*. (2.^a ed.). Arranha-Céus. Lisboa;

DUPAS, G. (2011). *Ética e poder na sociedade da informação*. (3.^a ed.). Unesp. São Paulo;

CLIMATI, C. (2001). *Os jovens e o esoterismo*. Trad. portuguesa. Paulinas. Lisboa;

CORTESÃO, J. (1984). *Os factores democráticos na formação de Portugal*. (4.^a ed.). Livros Horizonte. Lisboa;

CUNHA, P.F. (2012). Os Perigosos Sábios do Sião, I e II. *As Artes entre as Letras*. **70** e **72**;

DUPAS, G. (2011). *Ética e Poder na Sociedade da Informação*. (3.^a ed.). Unesp. São Paulo;

ECO, U. (2018). A conspiração. Em: *Aos ombros de gigantes*. Gradiva. Lisboa;

ECO, U. (2011). *Costruire il nemico e altri scritti occasionali*. Bompiani. Milão;

ECO, U. (2016). *Cinco escritos morais*. Trad. portuguesa de José Colaço Barreiros. Relógio d'Água. Lisboa;

GIRARD, R. (1982). *Le bouc émissaire*. Grasset. Paris;

GUÉHENNO, J.-M. (1999). *L'avenir de la liberté*. Flammarion. Paris;

JOÃO, A.E.B.L. (2007). Aspectos Históricos e Sociais das Epidemias. Em: *Psiquiatria de Catástrofe*. Memória do Encontro «Psiquiatria de Catástrofe e Intervenção na Crise». Coord. de Luísa Sales. Hospital Militar Regional n.º 2./ Serviço de Psiquiatria. Almedina. Coimbra;

MATHERS, S.L.M. e BRODIE-INNES, J.W. (1993). *O feiticeiro e o seu aprendiz*. Trad. de Yolanda Steidel de Toledo. Pensamento. São Paulo;

PASCOAES, T. (1998). *Arte de Ser Português*. (3.^a ed.). Assírio & Alvim. Lisboa;

SILVA, A.B.B. (2008). *Mentes perigosas. O Psicopata mora ao lado*. Fontanar. Rio de Janeiro;

SNYDER, T. (2017). *Sobre a tirania. Vinte lições do século xx*. Relógio d'Água. Lisboa;

TODOROV, T. (2012). *Les ennemis intimes de la démocratie*. Laffont/Versilio. Paris.